

ADMISSIBILIDADE E JULGAMENTO: EFEITOS-SENTIDO DE UNIDADE E DE DESCONSTRUÇÃO

Thaiane Dutra Luz Costa (UESB)

thaianedlc@gmail.com

Milca Borges Luz (UESB)

milcaborges@hotmail.com

Naiara Morena Sebadelhe Santos da Conceição (UESB)

msebadelhe@yahoo.com.br

Maria da Conceição Fonseca-Silva (UESB)

con.fonseca@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos um recorte dos resultados de uma pesquisa maior que teve por objetivo identificar e analisar os discursos que atravessaram as materialidades do *Impeachment*, enquanto processo político-jurídico, da ex-presidente Dilma Rousseff. O *corpus* foi constituído por materialidades extraídas da Sessão de Votação pela Admissibilidade do *Impeachment* na Câmara dos Deputados, da Sessão de Julgamento no Senado, e de capas de edições da Revista Veja. O procedimento adotado foi o do estudo de caso, tendo por base teórica a Análise de Discurso (AD), enquanto dispositivo teórico-metodológico que permite a análise da simbolização do político e a observação dos diversos desdobramentos do discurso nas suas possibilidades de materialização. Os resultados indicaram que nas discursividades da admissibilidade e do processo de *Impeachment*, foi produzido um efeito-sentido de unidade e um efeito-sentido de desconstrução dos sujeitos políticos Lula, PT e Dilma Rousseff.

Palavras-chave:

Análise de Discurso. Efeito-sentido de unidade. Efeito-sentido de desconstrução.

ABSTRACT

In this work, we present an excerpt from the results of a larger research that aimed to identify and analyze the discourses that went through the materialities of the *Impeachment*, as a political-legal process, by former President Dilma Rousseff. The corpus consisted of material extracted from the Voting Session for the Admissibility of *Impeachment* in the Chamber of Deputies, from the Senate Judgment Session, and from the covers of issues of *Veja Magazine*. The procedure adopted was that of the case study, based on the Discourse Analysis (AD), as a theoretical and methodological device that allows the analysis of the symbolization of the politician and the observation of the various developments of the discourse in its possibilities of materialization. The results indicated that in the discursivities of admissibility and the *Impeachment* process, a sense-effect of unity and a sense-effect of deconstruction of the political subjects Lula, PT and Dilma Rousseff were produced.

Keywords:

Discourse Analysis. Effect-sense of unity. Effect-sense of deconstruction.

1. Introdução

Nas eleições presidenciais de 2010, a primeira mulher presidente do Brasil foi eleita. Dilma Rousseff sucedeu o presidente Lula e tal acontecimento histórico, segundo Fonseca-Silva (2012; 2013) provocou “uma ruptura tanto na história do país quanto na história das mulheres que vêm conseguindo conquistar espaço em todas as esferas de poder político do país: executivo, legislativo e judiciário” (FONSECA-SILVA, 2012; 2013, p. 241).

Dilma se reelegeu em 2014, com uma diferença de votos de 3,28%¹¹⁴, naquela que ficou conhecida como a disputa à presidência mais acirrada da história do país. Entretanto, ainda no primeiro ano de mandato, em dezembro de 2015, foi aceito pelo presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha¹¹⁵ (PMDB) um dentre os 37 pedidos de *Impeachment* que foram apresentados durante o governo de Dilma. O pedido aceito foi assinado pelos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Jr. e Janáina Paschoal, e tinha como fundamento a acusação de que Dilma teria cometido crime de responsabilidade fiscal ao editar três decretos presidenciais de créditos suplementares sem autorização do Poder Legislativo, além de ter praticado as chamadas “pedaladas fiscais”. Em 2016, a então presidente sofreu processo de *Impeachment* que resultou na perda do seu mandato, nesse mesmo ano.

A admissibilidade do processo de *Impeachment* e o próprio *Impeachment* de Dilma Rousseff, enquanto acontecimentos discursivos, conforme demonstrado por Luz (2018) e Costa (2018), respectivamente, são resultado de uma sequência de confrontos discursivos que precederam e que se prolongaram através do acontecimento, em um trabalho de formulações anteriores e posteriores ao acontecimento em si. Ocorre que os discursos que atravessam as materialidades sobre o *Impeachment* de Dilma relacionam-se com discursos sobre o ex-presidente Lula e sobre o Partido dos Trabalhadores (PT).

¹¹⁴ Disponível no site: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2014/10/dilma-rousseff-reeleita-com-545-milhoes-de-votos-no-segundo-turno.html> (Acesso em: 30/10/2017)

¹¹⁵ No mesmo dia em que líder do PT, Sibá Machado, anunciou que a bancada do partido votaria contra Eduardo Cunha (PMDB) no processo que tramitava no Conselho de Ética da casa, processo esse que poderia resultar na cassação do seu mandato, o presidente da Câmara dos Deputados aceitou um dos 37 pedidos de *Impeachment* contra Dilma Rousseff.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi identificar e analisar os efeitos-sentido produzidos sobre a relação entre os sujeitos políticos Lula, Dilma e PT nessa circulação-confronto de formulações que ocorreu durante o processo de *Impeachment* de Dilma Rousseff, o que abrange a Sessão de Admissibilidade do *Impeachment*, que ocorreu na Câmara de Deputados em 17 de abril de 2016, a Sessão de Julgamento do *Impeachment*, que ocorreu no Senado, dos dias 25 a 31 de agosto de 2016, bem como aquelas que foram produzidas a partir da mídia, em especial no que se refere à Revista *Veja*.

2. Considerações sobre o percurso teórico-metodológico

No que se refere à metodologia adota no presente trabalho, a pesquisa realizada foi qualitativa quanto à sua abordagem. No que se refere à natureza, a pesquisa foi aplicada. Já em relação aos objetivos, a pesquisa foi explicativa e, quanto aos procedimentos, um estudo de caso.

O *corpus* desta pesquisa foi constituído com o objetivo de responder a questão-problema delimitada. Segundo Orlandi (2012), na Análise de Discurso, a constituição do *corpus* não é guiada pelo dado empírico, mas pelo critério teórico. Assim, na análise, mobilizamos o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD). Operamos, assim, um entrecruzamento de materialidades discursivas extraídas de trabalhos desenvolvidos no âmbito do GPADis¹¹⁶: sobre o processo de admissibilidade do *Impeachment*, ainda na Câmara dos Deputados como em Luz (2018); sobre as discussões sobre o *Impeachment* que ocorreram na própria Sessão de Julgamento, no Senado Federal, como em Costa (2018); e sobre como o *Impeachment* foi discursivizado na/pela mídia, como em Conceição (2018).

No gesto de descrição e interpretação das seqüências discursivas analisadas, mobilizamos conceitos teóricos do quadro epistemológico da AD que se constitui na articulação do materialismo histórico, da linguística e da teoria do discurso, “atravessadas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)” (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 164).

Fonseca-Silva (2007) destaca que Pêcheux (1975) reconhece a necessidade de uma articulação conceitual, entre as categorias ideologia (no sentido althusseriano) e inconsciente (no sentido freudiano), que

¹¹⁶ Grupo de Pesquisas em Análise de Discurso (GPADis), coordenado pela Prof^a Dr^a. Maria da Conceição Fonseca-Silva.

melhor se compreende pela própria tese de Althusser de que os indivíduos são interpelados em sujeitos pela ideologia. Na AD, ideologia e inconsciente são ressignificados ou reterritorializados para que a questão do sujeito e do sentido sejam pensados como efeitos.

O sujeito se submete à língua mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar-se. E o faz em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado, em que se reflete sua interpelação pela ideologia. A ordem da língua e a da história, em sua articulação e seu funcionamento, constituem a ordem do discurso. (ORLANDI, 2005, p. 2)

De acordo com Pêcheux (1975), “sob a evidência de que ‘eu sou realmente eu’ (...), há o processo da interpelação/identificação que produz o sujeito no lugar deixado vazio” (PÊCHEUX, 1975, p. 145), sob a ilusão de que tem domínio do que pensa e do que diz, o sujeito toma posições sempre que enuncia. A Análise de Discurso, portanto, pressupõe a historização do sentido, a sua não literalidade e o descentramento do sujeito que, afetado pelo esquecimento, é sempre já assujeitado.

Segundo Orlandi (2009) “a disciplina da AD visa compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.” (ORLANDI, 2009, p. 15). Pêcheux pensa a linguagem, estabelecendo princípios que, conforme Orlandi (1990) não estão em regiões categorizadas do conhecimento, mas nos entremeios, em interstícios disciplinares. Pêcheux então situa o discurso, conforme Henry (1993), entre a linguagem e a ideologia. Assim, se afasta do sentido logicamente estabilizado, do semanticamente normal, e passa a refletir nos entremeios, nos vãos deixados pela contraditória articulação das disciplinas.

Conforme Fonseca-Silva (2005), Pêcheux pensa o discurso no confronto gerado pela articulação entre o sujeito da linguagem e o sujeito da ideologia, de forma que o discurso se constitui pela sua relação com a história e também como efeito-sentido. Tal efeito, por sua vez, se realiza no lugar material da língua. É na língua que o discurso se materializa, atravessando-a, como efeito-sentido. A língua, portanto, é tomada como estrutura, em que o real da língua manifesta-se como uma série de equívocos.

A Análise de Discurso, enquanto disciplina de interpretação, está construindo procedimentos para expor o olhar-leitor à opacidade tanto da língua quanto de outros domínios semióticos, colocando em jogo o outro enquanto espaço real de leitura, o que significa que os diversos domínios semióticos, assim como a língua, não são transparentes, pois funcionam

Enfim, significar não está na ordem da língua, tampouco de outros domínios semióticos, mas na ordem do discurso. A língua é constituída pela falha, pelo equívoco, pela ambiguidade etc., e o sentido é “efeito de”, portanto sempre escapa ao logicamente estabilizado. Para Pêcheux (1993 [1969]), o discurso “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 1993 [1969]). Assim, o discurso deve ser compreendido como efeitos de sentido entre posições de sujeito em determinada estrutura social.

E, como efeito-sentido, como o encontro da memória com a atualidade, Pêcheux (1983) mostra o discurso como estrutura e acontecimento tensão entre descrição e interpretação. Segundo Pêcheux (2015b [1983b]), o acontecimento discursivo convoca um espaço de memória e o reorganiza, produzindo o novo. Assim, para que surja um acontecimento (como fato novo) e que o mesmo se instaure enquanto um acontecimento discursivo, é necessário que haja anteriormente uma série de confrontos discursivos, que irão se prolongar após o instante do acontecimento, de forma a gerar um trabalho de formulações que consiste em retomadas, deslocamentos, invertidas. Esse trabalho de formulações tende a prefigurar discursivamente o acontecimento, de forma a dar-lhe forma e figura, para que ele ocorra ou mesmo para que ele seja impedido.

Entendemos que, para que um acontecimento histórico se torne um acontecimento discursivo, esse acontecimento é trabalhado. Antes, em um outro lugar, há um confronto discursivo que precede o acontecimento e que prossegue por meio da circulação-confronto de formulações que vão atravessar as materialidades discursivas sobre o acontecimento, permitindo a repetição e atualização de sentidos instaurados, bem como a emergência de novos sentidos.

E como efeito, o discurso é produzido, retomado, atualizado em confrontos discursivo. Assim, para que um acontecimento histórico se torne um acontecimento discursivo, esse acontecimento é trabalhado. Antes, em um outro lugar, há um confronto discursivo que precede o acontecimento e que prossegue por meio da circulação-confronto de formulações que vão atravessar as materialidades discursivas sobre o acontecimento, permitindo a repetição e atualização de sentidos instaurados, bem como a emergência de novos sentidos.

3. Resultados e discussão

Todo o processo do *Impeachment* de Dilma Rousseff, desde a Sessão de Admissibilidade até a Sessão de Julgamento, foi marcado por um intenso confronto discursivo. Desse modo, verificamos a instauração de dois acontecimentos discursivos, no sentido de Pêcheux (2015 [1983]), qual seja o da admissibilidade do *Impeachment* de Dilma Rousseff, conforme demonstrado por Luz (2018) e do *Impeachment* de Dilma, como demonstrou Costa (2018).

Nas formulações sobre o *Impeachment*, muito foi dito a respeito dos sujeitos políticos Dilma, Lula e PT, tanto durante as Sessões de Admissibilidade e de Julgamento, como na revista de circulação *Veja*. Das análises, apresentamos resultados que indicaram efeitos-sentido de unidade e de desconstrução entre os sujeitos políticos em questão, conforme demonstramos a seguir.

3.1. Efeito-sentido de unidade

No início do primeiro mandato de Dilma Rousseff, as análises desenvolvidas por Barbosa (2014) apontaram uma relação de afastamento entre Dilma e Lula:

Além disso, a relação entre Dilma e Lula, passa agora a ser marcada por uma relação de desvencilhamento, na medida em que Dilma busca diminuir a influência que sofre do ex-presidente Lula em seu governo, sendo que, na memória que é posta em funcionamento, parte desta dívida está ligada a uma “dívida eleitoral” que Dilma teria com Lula. Podemos identificar, ainda, que Dilma e Lula ocupam posicionamentos discursivos distintos em relação ao modo de governar e principalmente em relação ao modo de lidar com o PT e com os partidos que compõem a chamada base aliada do governo. Nessa perspectiva, no efeito de sentido que vemos em funcionamento aqui, se por um lado Dilma é identificada a todo momento numa zona de conflito com o PT, por outro lado, Lula quase que se confunde com o próprio partido. (BARBOSA, 2014, p. 67)

Entretanto, nos discursos que circularam durante o processo de *Impeachment* de Dilma Rousseff, identificamos uma relação de aproximação entre os sujeitos políticos Dilma, Lula e PT, que produziram efeito-sentido de unidade entre eles. Na circulação-confronto de formulações analisadas por Luz (2018) que são deslocadas, repetidas ou retomadas e que se colocam no jogo parafrástico e polissêmico da Admissibilidade do *Impeachment* de Dilma Rousseff temos:

(SD1) *Foi Lula que deu autonomia à Polícia Federal. Foi Dilma que mandou o projeto de lei que tem como centro o combate à corrupção, inclusive o instituto da delação premiada.*

(SD2) *[...]Dilma, vá embora que o Brasil não quer você. E leve o Lula junto e os vagabundos do PT.*

(SD3) *[...] para combater o projeto de poder e de corrupção do Lula e do PT; [...], voto “sim” pelo Impeachment.¹¹⁷*

(SD4) *Sr. Presidente, voto com Lula, o melhor Presidente deste País; com Dilma, mulher valente e honesta; pelo Brasil e pela democracia. Não ao golpe! Fora, golpistas! O voto é “não”, pelo Brasil.*

(SD5) *Sr. Presidente, em defesa da nossa democracia, em defesa da Constituição, em defesa do povo pobre do Brasil, que teve no Governo Lula e no Governo da Presidenta Dilma esperança e investimentos, o meu voto é “não”.*

(SD6) *[...] o meu voto é “sim”. Fora Dilma! Fora Lula! Fora PT!*

(SD7) *[...], é “sim”. E Lula e Dilma na cadeia.¹¹⁸*

(SD8) *[...] para reconhecer o trabalho belíssimo que o ex-Presidente Lula fez pelo nosso Brasil, dando oportunidade às pessoas mais pobres, que nada tinham durante governos anteriores. Quero pedir desculpas a ele; [...] à Presidenta Dilma; [...].*

(SD9) *O Impeachment da Presidente Dilma será a pá de cal no lulopetismo. O seu afastamento põe fim a mais de uma década caracterizada pela incompetência administrativa, pelo aparelhamento do Estado e pela roubalheira generalizada. A corrupção está associada à marca do PT e hoje faz parte indissociável do seu DNA. É hora de retirar essa organização criminoso do poder e trabalhar para que todos os seus integrantes sejam punidos. Que isso nunca mais se repita.*

As SD's acima, em relação interparafrástica, produzem um efeito-sentido de unidade entre os sujeitos políticos Dilma, Lula e PT, de modo que o afastamento de Dilma implicaria também no afastamento dos sujeitos Lula e PT do poder, produzindo um efeito de que o país era governado pelos três sujeitos concomitantemente.

A SD2 indica que a saída de Dilma implicará na saída dos demais sujeitos, de modo que Dilma “levará embora” a todos. Na SD3, temos o efeito de que votar “sim” pela admissibilidade do impeachment de Dilma implica em “combater o projeto de poder e de corrupção do Lula e do

¹¹⁷ Luz, 2018, p. 60. Enumerado nesse trabalho como SD35.

¹¹⁸ Luz, 2018, p. 74. Enumerado nesse trabalho como SD92.

PT”, de modo que o projeto é único e vem se desenvolvendo ao longo dos mandatos de Lula e continua no de Dilma.

A expressão “Voto com Lula” na SD4, para votar contra a admissibilidade do impeachment de Dilma, também produz o efeito de unidade entre os sujeitos, do mesmo modo que os votos favoráveis, quando propõem a penalização para ambos os sujeitos, como na SD7 “Dilma e Lula na cadeia”.

Na SD9, o neologismo *lulopetismo* indica uma união entre Lula e o PT. Há um sentido de unidade entre ambos, uma relação de simbiose. O sufixo *-ismo*, de origem grega, remete à ideia de *fenômeno linguístico, sistema político, religião, doença, esporte, ideologia*, logo, a expressão *lulopetismo* refere-se a uma ideologia, ou a um sistema político específico em que se segue as diretrizes do que é decidido entre Lula e o PT, como se Lula e PT fossem um único sujeito.

Entre discursos que circularam na Sessão de julgamento do Senado, conforme analisado por Costa (2018), destacamos:

*(SD10) Sr. Presidente, eu dizia que quanto mais ouço, mais me convenço de que o afastamento da Presidenta Dilma não é um ato somente contra ela. Não consigo me convencer. Entendo que esse movimento, primeiro, ataca a democracia; segundo, ataca o direito dos trabalhadores e dos aposentados.*¹¹⁹

*(SD11) [...] especialmente porque nós estamos aqui, desde o início do primeiro mandato do governo Lula, acompanhando os fatos que hoje são a justificativa para o Impeachment da Presidente Dilma.*¹²⁰

*(SD12) É por essa razão que tenho concluído aqui que esse julgamento que faremos da Presidente Dilma, no processo de Impeachment, deve ir além da figura da Presidente e deve alcançar o sistema de governança que foi implantado no País nos últimos anos para passar a ideia de que estávamos vivendo no paraíso*¹²¹.

*(SD13) E os acusadores de Dilma Rouseff vão à tribuna e parece que colocam o seu partido no banco dos réus, colocam o conjunto da obra e se prendem muito pouco na análise da real acusação que efetivamente contra ela é dirigida.*¹²²

¹¹⁹ Costa, 2018, p. 77. Enumerados nesse trabalho como SD100.

¹²⁰ Costa, 2018, p. 77. Enumerados nesse trabalho como SD101.

¹²¹ Costa, 2018, p. 77. Enumerados nesse trabalho como SD102.

¹²² Costa, 2018, p. 78. Enumerados nesse trabalho como SD103.

(SD14) [...] o alvo não é a Presidenta Dilma; o alvo é o desmonte de todo um projeto que foi construído pelo voto popular.¹²³

(SD15) Estamos fazendo um *Impeachment* não só da Presidenta Dilma, mas de uma esquerda velha, obsoleta, não para cair na direita, mas para avançarmos a um novo tempo cheio de riscos e de esperanças.¹²⁴

Na relação parafrástica das SDs acima também é possível identificar a existência de um efeito-sentido de unidade entre os sujeitos políticos Dilma e Lula, como também um efeito-sentido de unidade entre os sujeitos Lula e PT, o que implica dizer que se Dilma e o PT são culpados, respectivamente, pela crise econômica derivada das pedaladas e pela crise político-moral, o sujeito Lula também o é, devendo, pois, ocupar, discursivamente, a posição-sujeito réu no processo de *Impeachment*, culpado juntamente com os outros dois sujeitos políticos.

Entretanto, o fato de tais sujeitos ocuparem determinado lugar não implica dizer que os mesmos assumam também a posição-sujeito de culpados. Nos processos de significação e nas tensões entre os lugares de réu-vítima, culpado-inocente, os sujeitos políticos Dilma-Lula-PT são convocados a ocupar o lugar da responsabilidade, como um só, enquanto unidade, um sujeito unitário, que ocupa uma posição-sujeito de réu.

Na SD10, por exemplo, é discursivizado que o afastamento da Presidenta Dilma não seria um ato somente contra ela, mas contra outros sujeitos. Logo, o *Impeachment* dirigiu-se também com o objetivo de atingir tais sujeitos, como indicado na SD13. Entretanto, esse outro a quem o *Impeachment* deve atingir agora é algo maior, é um projeto de governo supostamente implantado pelo PT no Brasil, um projeto de governo de esquerda e de manutenção do poder, como algo danoso ao país, algo falacioso e ultrapassado, como indicado nas SDs 11 e 15. Em contrapartida, é discursivizado também sobre um projeto de governo que teria valorizado as minorias, como os trabalhadores e os aposentados, ao exemplo da SD 10.

É preciso ressaltar que em oposição a este discurso, o da necessidade do afastamento desses sujeitos políticos da governança do país, emerge, a partir da produção desse mesmo efeito-sentido de unidade, o discurso de que eles são, em conjunto, responsáveis e representantes de um determinado lugar, o lugar da democracia, o lugar das minorias, o lugar da mudança de perspectiva política para o país.

¹²³ Costa, 2018, p. 78. Enumerados nesse trabalho como SD104.

¹²⁴ Costa, 2018, p. 78. Enumerados nesse trabalho como SD105.

(SD16) Neste tribunal político, este é um tribunal diferenciado, especialmente porque nós estamos aqui, **desde o início do primeiro mandato do governo Lula, acompanhando os fatos que hoje são a justificativa para o Impeachment da Presidente Dilma.**¹²⁵

(SD17) O que está por trás disso é **todo um projeto questionando o modelo da política econômica e social adotada, de Lula até Dilma, são treze anos.**¹²⁶

(SD18) Ao contrário do que se anuncia, permitam-me dizer que, neste plenário, entre hoje e amanhã, nós **não estaremos julgando o mandato Presidencial de Dilma Vana Rousseff, tampouco julgaremos o legado social dos Governos Lula e Dilma.**¹²⁷

(SD19) Eles querem, Presidenta, tirar a senhora porque a **senhora e Lula têm lado**, o lado dos pobres e dos trabalhadores. **Eles querem tirar vocês para varrer os direitos dos trabalhadores.**¹²⁸

(SD20) O **populismo bolivariano, levantado e muito bem defendido pela Presidente afastada Dilma Rousseff e seu antecessor Lula**, levou o Brasil a este processo hoje de milhões de desempregados, de inflação, de convívio com aquilo em que a sociedade hoje se viu enganada, iludida, porque foi exatamente assim a campanha eleitoral de 2014, em que o maior processo de estelionato eleitoral foi implantado.¹²⁹

Nesta terceira série de excertos, indicados também em Costa (2018), há uma relação parafrástica entre as SDs selecionadas, pois identifica-se o atravessamento de um discurso de continuidade entre os Governos Lula e Dilma. Esse discurso produz um efeito-sentido de que os sucessos do Governo Dilma só foram possíveis por causa do Governo Lula, ou seja, os frutos do Governo Dilma só existiram por conta do que foi semeado ainda por Lula ou de que as mazelas produzidas pelo Governo Dilma têm suas origens ainda no Governo Lula. Há nessa relação um efeito metafórico de que Dilma é Lula.

Efeito metafórico, segundo Pêcheux é “o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ (...)” (1997 [1969], p. 96). Para o autor, não existe sentido sem metáfora e, aqui, a

¹²⁵ Costa, 2018, p. 63. Enumerados nesse trabalho como SD37.

¹²⁶ Costa, 2018, p. 63. Enumerados nesse trabalho como SD38.

¹²⁷ Costa, 2018, p. 63. Enumerados nesse trabalho como SD39.

¹²⁸ Costa, 2018, p. 64. Enumerados nesse trabalho como SD40.

¹²⁹ Costa, 2018, p. 64. Enumerados nesse trabalho como SD41.

metáfora funciona como um mecanismo de construção do sentido, de descrição e de interpretação da relação Lula-Dilma.

Existe um efeito-sentido de continuidade entre os dois governos e, por não haver separação entre eles, há um funcionamento sobre o julgamento do *Impeachment* que indica que o julgamento não se refere apenas a Dilma Rousseff, mas àqueles que possibilitaram seu governo, ou melhor, àquele que foi responsável por sua candidatura e eleição: Lula.

Nesse sentido, nas edições analisadas no periódico *Veja*, destacamos o que segue:

(SD21) “**Acho ótima essa herança.** O governo do Lula pertence uma parte a mim. Eu não sou uma pessoa que olha para o governo com distanciamento. Lutei para ele ser esse sucesso todo. **O meu projeto é o do Lula. E o dele é o meu**” (VEJA, edição 2169, p. 22, grifo nosso).¹³⁰

(SD22) “**ELA PASSOU A FAIXA – Dilma entrega o núcleo do governo a Lula,** os grandes ministérios ao PMDB e se enfraquece ainda mais”.¹³¹

As SDs em questão produzem também um efeito-sentido de unidade entre Dilma, então candidata, e o, então presidente, Lula. A materialidade discursiva da reportagem de capa dessa edição produz um efeito-sentido de que a crise no governo de Dilma e o seu consequente enfraquecimento no cargo de presidente fazem com que outro sujeito ocupe o lugar da presidência. Assim, discursivamente, quem passa a comandar o governo é Lula e o PMDB. Essas formulações indicam também um efeito-sentido sobre Lula como um sujeito político corrupto, ladrão. Aqui, a aproximação discursiva entre o sujeito político Dilma, e o sujeito político Lula produziu um efeito-sentido de Dilma como uma figura enfraquecida, deslegitimada para o cargo de presidente, incapaz de governar.

3.2. Efeito-sentido de Desconstrução

Nas formulações confronto analisadas também foi possível identificar um outro efeito-sentido sobre os sujeitos políticos Lula, Dilma e PT: um efeito-sentido de desconstrução. Assim, na Sessão de Admissibilidade do processo de *Impeachment*, identificamos as seguintes sequências discursivas:

¹³⁰ Conceição, 2018, p. 41.

¹³¹ Conceição, 2018, p. 101.

(SD22) *O modelo petista de Lula e Dilma se exauriu pelo populismo e fisiologismo.*

(SD23) *“Eu e o Lula estamos construindo um projeto”, ela diz, **alheia às consequências da sua insensatez, que hoje fazem parte da paisagem brasileira, visíveis para onde quer que se olhe: visíveis no desemprego; na paralisia nacional; na situação desesperadora daqueles que dependem do sistema público de saúde; no sucateamento do nosso parque industrial, uma conquista de gerações; no aparelhamento das nossas instituições e no assalto planejado, organizado e sistemático aos recursos públicos, que quebrou a PETROBRAS, os fundos de pensão e o Tesouro Nacional.***

(SD24) *Durante 13 anos, o meu partido, o Democratas, fez oposição ao projeto criminoso implantado por Luiz Inácio Lula da Silva. Em 2007, ele disse que iria extirpar o Democratas da política brasileira. Hoje, nós estamos extirpando Lula e Dilma, e ele vai para a cadeia. [...] Viva o Brasil! Viva a Bahia! Fora, Lula! Fora, Dilma!*

(SD25) *O Impeachment da Presidente Dilma será a pá de cal no lulopetismo. O seu afastamento põe fim a mais de uma década caracterizada pela incompetência administrativa, pelo aparelhamento do Estado e pela roubo generalizada. A corrupção está associada à marca do PT e hoje faz parte indissociável do seu DNA. É hora de retirar essa organização criminosa do poder e trabalhar para que todos os seus integrantes sejam punidos. Que isso nunca mais se repita.*

(SD26) *Sr. Presidente, como Delegado da Polícia Federal, meu voto vai pelo fim da facção criminosa “lulopetista”, fim da “pelegagem” da CUT, fim da CUT e seus marginais. Viva a Lava-Jato, a República de Curitiba! E a minha bandeira nunca será vermelha! “Sim”, Presidente!¹³²*

A série de SD's acima produzem um efeito-sentido de desconstrução dos sujeitos políticos Lula, Dilma e PT, também a partir do efeito-sentido de unidade anteriormente destacado, quando tais sujeitos, são considerados uma organização criminosa, destruidora, incompetente e corrupta. Expressões como “um modelo petista”, “um projeto de poder”, “projeto de corrupção”, “projeto criminoso”, “facção criminosa lulopetista”, “organização criminosa” produzem um efeito-sentido de que a admissibilidade do *Impeachment* da Presidente Dilma é necessária para que o governo do PT e o próprio PT, que tem aqui é atravessado por um efeito-sentido de origem de práticas de corrupção, tenham fim, sejam apagados, esquecidos. Tais expressões ainda produzem um efeito-sentido de desconstrução de um projeto de governo petista que foi “incompetente, corrupto, criminoso”.

¹³² Luz, 2018, p. 64. Enumerados nesse trabalho como SD60.

No mesmo sentido, algumas das SDs extraídas das materialidades da Sessão de Julgamento do *Impeachment* são atravessadas por um discurso marcado por um clamor popular contra o Governo Dilma, e contra uma presidente solitária, que perde apoio de aliados e, por isso, não tem mais condições de tratar com o Congresso Nacional, como pode ser observada a seguir:

(SD27) **Até 12 de maio¹³³, o Brasil estava nas seguintes condições: uma crise política profunda**, perda de credibilidade, empobrecimento das famílias brasileiras, aprofundamento da recessão, aumento descontrolado da inflação, explosão do desemprego, em relação ao que tenho dito aqui da minha preocupação.

(SD28) **O governo perdeu a confiança dos agentes econômicos**. Lamentavelmente, perdeu o apoio da sociedade, perdeu o apoio parlamentar e **levou o governo a um isolamento político** jamais visto na história do Brasil. [...] O governo, lamentavelmente, **não possui ou não possuía mais as mínimas condições de governabilidade**. E esses fatores **levaram o Brasil a uma crise econômica** sem precedentes na sua história.

(SD29) **O que há é fracasso de gestão**. E a população brasileira, repito, é intolante ao fracasso, porque o povo deste País não é constituído de fracassados. [...] Nós temos de persistir na tese dessa mudança, porque **a população foi para as ruas exatamente para pedir essa mudança radical**, essa ruptura com um sistema que levou a Administração Pública brasileira à falência.

O efeito de sentido de desconstrução atravessa as materialidades acima indicadas. Ali, Dilma é discursivizada como uma presidente que perdeu as condições de governabilidade, perdeu a confiança do Congresso Nacional e do povo, como também fracassou como Presidente.

Ainda, nos discursos que circularam em Veja, analisados e discutidos por Conceição (2018), podemos identificar também efeitos-sentido de solidão e de desconstrução quanto à presidente e quanto ao seu governo.

Na edição nº 2.399 da Revista Veja, de 12 de novembro de 2014, como demonstrado por Conceição (2018), apresenta uma capa onde há uma imagem de Dilma com uma expressão séria e a seguinte formulação linguística: “A Solidão da Vitória: sem saber o que fazer da economia, pressionada pelo PT e esnobada pelos aliados, a presidente se isola no palácio”. Assim também, na Edição nº 2.474 é apresentado o seguinte subtítulo: “Com ou sem vitória na batalha do *Impeachment*, Dilma já

¹³³ A data de 12 de maio refere-se ao dia em que Dilma Rousseff foi afastada da presidência e que Michel Temer assumiu o cargo como presidente interino.

perdeu a batalha do poder. Seu governo esfacelou-se e a presidente, abandonada pelos aliados, não comanda mais o Brasil”. Ao discursivizar sobre a solidão de Dilma no governo, indicando que ele está prestes a cair, é produzido também um efeito-sentido de desconstrução do sujeito político Dilma, enquanto presidente do Brasil, de modo que já é produzido um discurso que indica que ela não possui aptidão e nem competência para governar.

Por fim, na materialidade discursiva da edição nº 2.434, de 15 de julho de 2015, é apresentada uma imagem de Dilma sentada em uma poltrona, com fisionomia séria, flutuando sobre nuvens, atrás de uma leve névoa, tendo como chamada principal a seguinte formulação: “A insustentável leveza – Sem apoio popular e do Congresso, o Governo Dilma flutua em um ambiente de incerteza, enquanto as suspeitas de corrupção chegam perigosamente perto do Planalto”. Essa construção discursiva produziu um efeito-sentido de fragilidade, de falta de firmeza e de isolamento da presidente. Assim, é possível dizer que as materialidades dessa edição são atravessadas por um discurso de perda de legitimidade da presidente junto à população, o que também se apresenta na capa da edição nº 2.417.

A discursivização em Veja massifica este discurso de desconstrução no decorrer do ano de 2015. Tal discurso apresenta-se de forma mais destacada, especialmente, na edição nº 2.446, onde é discursivizada uma possível passagem de poder para o presidente Lula e para o PMDB, o que atualiza uma memória de aproximação entre Dilma e o presidente Lula, retomando o discurso que apareceu no momento de sua candidatura, de que Dilma era a escolhida, ungida de Lula, portanto, estaria submetida às decisões e caminhos traçados por ele.

4. Conclusão

A ascensão e a queda de Dilma Rousseff como Presidente da República marcaram de forma profunda a história do Brasil. Os acontecimentos discursivos da Admissibilidade do *Impeachment* e do *Impeachment*, propriamente dito, foram prefigurados por um intenso trabalho de formulações.

Analizamos, assim, os ditos e não ditos (efeitos-sentido) materializados na Sessão de Votação pela Admissibilidade do *Impeachment* de Dilma Rousseff, ocorrida na Câmara dos Deputados, na Sessão Extraor-

dinária de Julgamento do *Impeachment* de Dilma Rousseff, ocorrida no Senado Federal, e ainda, na Revista *Veja*, acerca da relação discursiva que se estabeleceu entre os sujeitos políticos Dilma, Lula e PT.

As sequências discursivas selecionadas e analisadas sobre Lula, Dilma e PT ao longo do processo de *Impeachment*, indicaram um jogo de aproximação entre os sujeitos políticos Dilma, Lula e PT. Nesse jogo, é produzido um efeito-sentido de unidade entre os sujeitos, de modo que o governo de Dilma Rousseff seria uma continuidade do governo de Lula. Da mesma forma, a partir dessas materialidades é possível identificar que é produzido um discurso de que, em unidade, Dilma, Lula e o PT governaram de forma conjunta e, por isso, também deveriam ser responsabilidades de forma conjunta sobre a crise econômica derivada das pedaladas e pela crise político-moral do País.

Verificamos ainda um efeito-sentido de desconstrução dos sujeitos políticos Dilma, Lula e PT, que foram discursivizados como corruptos, incompetentes, criminosos e responsáveis pela crise econômica e político-moral no País, além de detentores de um projeto de destruição do país, de permanência no poder e uma organização criminosa responsável pela institucionalização da corrupção no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Leandro Chagas. *Mídia e discursividade; Dilma, Lula, radicais do PT e Corrupção*. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014. 77 f.

COSTA, Thaiane Dutra Luz. *A posição de sujeito réu no acontecimento discursivo do Impeachment de Dilma Rousseff*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2018. 91f.

CONCEIÇÃO, Naiara Morena Sebadelhe Santos da. *Memória e efeitos-sentido sobre Dilma Rousseff em Veja: construção e desconstrução*. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade); Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2018. 116f.

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Memória, mulher e política: do governo das capitânias à presidência da república, rompendo barreiras. In TASSO, I., NAVARRO, P. (Org.). *Produção de identidades e processos*

de subjetivação em práticas discursivas Maringá: Eduem, 2012. p. 183-208

FONSECA-SILVA, M. C. *Poder-Saber-Ética nos Discursos do Cuidado de si e da Sexualidade*. Vitória da Conquista: UESB, 2007.

LUZ, Milca Borges. *Efeitos-sentido nas justificativas favoráveis à Admissibilidade do Processo de Impeachment de Dilma Rousseff*. (Mestrado em Língua). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2018. 102f.

ORLANDI, Eni P. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. *Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Anais do II SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso [recurso eletrônico]. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. 7. ed. Campinas-SP: Pontes, 2015a [1983].

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* *Papel da memória*. Trad. e introdução de José Horta Nunes. Campina-SP: Pontes, 2015b [1983].

_____; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas In: GADET, F; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas-SP: UNICAMP, 1993 [1975]. p. 163-252